Mulheres Anarquistas

O resgate de uma história pouco contada

* Índice *

Mulheres Anarquistas:
O Resgate de uma História Pouco Contada

* Introdução

Entre 2002 e 2003, fruto da idealização, pesquisa e trabalho de Mabel Dias, companheira anarcopunk de João Pessoa (Paraíba), que, entre outras atividades, atua no Coletivo Insubmiss@s, e com contribuição e apoio de outr@s companheir@s de várias partes, foram editadas seis cartilhas. Com o título,*"Mulheres Anarquistas: O Resgate de uma História Pouco Contada"* estas publicações surgem da necessidade de trazer à tona uma história que, desde sempre, foi deixada de lado, quando não esquecida.

Os quatro primeiros números, que nos trazem a história de vida de mulheres de várias partes do mundo, que de diversas formas lutaram por uma sociedade livre e igualitária, serão aqui reeditadas, com algumas novas informações. Os últimos dois números, onde é feito um levantamento atual da atuação das mulheres no meio anarcopunk, anarquista e libertário, com relatos de diversas mulheres que ainda hoje se encontram entre nós, além do histórico de grupos anarcofeministas que surgiram a partir da década de 90, serão atualizados e farão parte de um próximo trabalho conjunto.

Voltando alguns anos, encontramos experiências anarquistas em âmbito mundial, que tiveram participação ativa tanto de homens quanto de mulheres, já a partir do século XVIII, em países como a Rússia, Itália, Espanha, França, Japão, Portugal, Brasil, Alemanha e México.

Poderíamos citar inúmeros exemplos, como o levante dos marinheiros em Kronstadt, o makhnovismo na Ucrânia, a construção de uma sociedade libertária durante a Guerra Civil Espanhola de 1936, com suas coletivizações, abolição do dinheiro, etc., as Escolas Modernas (entre elas a Escola Moderna nº.1 e nº.2, em São Paulo, a Universidade Popular, no Rio de Janeiro, e a Escola Elisee Réclus, em Porto Alegre), a Colônia

Cecília (Paraná, 1890), a comunidade de Guararema (1888, interior de São Paulo), as greves gerais e movimentação operária de caráter anarcosindicalista que permearam a segunda metade do século XIX e século XX...

@s anarquistas se preocupavam também com a arte, a literatura, o teatro e a poesia, como formas de libertação, expressão, e denúncia da questão social. Dentro desta concepção, @s ácratas tiveram sempre a preocupação da simplificação da ortografia utilizada pelos acadêmicos, para torná-la mais compreensível pelo proletariado, que, por ter começado a trabalhar cedo para contribuir com o sustento familiar, em geral teve de abandonar a escola. O autodidatismo se fazia, assim, muito importante.

Fundaram escolas e puseram em prática métodos de ensino libertários, promovendo a alfabetização livre de temores divinos, endeusamentos, patriotismo, hierarquia, etc., centros de cultura social e ateneus, grupos de teatro social, grupos editoriais de jornais, revistas, folhetos, livros e todo o tipo de periódicos, organismos de solidariedade aos perseguidos, desempregados, presos, cooperativas profissionais. Propagaram os ideais libertários através da organização de conferências, palestras, cursos, debates, leituras comentadas, grupos de estudo, entre outros.

Muitas sementes libertárias foram plantadas por todo o mundo, por homens e mulheres, e, assim, ainda hoje @s anarquistas continuam em atividade.

Convenientemente, tanto a história das mulheres, quanto a das experiências anarquistas e de grande parte da atuação libertária, foi deixada de lado ou é, ainda hoje, deturpada pela história oficial e inclusive pela esquerda, em jornais, livros e outras publicações. Aqui, então, apresentaremos um pouco dessa história, da qual temos apenas algumas pequeninas fagulhas: há ainda muito para se acrescentar, pesquisar, buscar. Há que se lembrar também que esta é uma história que,

através da luta de outr@s tant@s homens e mulheres, continua sendo escrita a cada dia!

Boa leitura e muita inspiração!

Obs: o "@" é usado em algumas palavras para representar o gênero masculino e feminino.

Contatos
Imprensa Marginal
Cx. Postal 665 CEP 01059-970 SP/SP
imprensa_marginal@yahoo.com.br

Mabel Dias e Coletivo Insubmiss@s
Cx. Postal 255 CEP 58001-970
João Pessoa/PB

Desenho da capa: Alexandre K-Lango

* Apresentação

Nota - A apresentação que se segue é uma mescla das apresentações publicadas nos vários números das cartilhas, junto à opinião dest@s, *que agora as reedita, neste livreto! Uma das propostas das cartilhas originais seria a publicação, além do histórico das mulheres, de textos sobre as experiências anarquistas em geral. Entretanto, devido à extensão das mesmas, consideramos este um tema para novas publicações, sendo importante frisar também que existe hoje grande quantidade de livros e textos a respeito, publicados por editoras e grupos libertários. Experiências que não podem ser esquecidas, ocultadas ou distorcidas: precisam ser relembradas, analisadas, pensadas e, respeitando-se nossa realidade atual, praticadas!*

De que substâncias são feitas essas mulheres? De amor e ódio!

De amor pela busca de uma sociedade mais livre, igualitária e justa, não medindo esforços para alcançá-la. De ódio por um sistema capitalista, desumano, que a cada dia suga nossas forças, tentando nos deixar apátic@s, insensíveis e acomodad@s, para que, enfim, não travemos contra ele uma luta e o destruamos!
Essas mulheres ousaram e desafiaram a ordem vigente em seus países, eram anarquistas sem nenhuma dúvida e lutaram por seus ideais, pois acreditavam que mesmo que fossem mortas em batalhas ou não conseguissem estabelecer de fato a anarquia através das brigas travadas contra seus opositores, estariam recompensadas por nunca terem se curvado perante seus/suas opressor@s.

Como o próprio nome da cartilha diz, o que se pretende com este trabalho é fazer um resgate da história de mulheres que atuaram de forma significativa dentro do movimento anarquista e têm seus trabalhos despercebidos, jogados no esquecimento ou publicados de forma deturpada.

Durante a pesquisa para se começar a fazer as cartilhas, foram encontrados diversos nomes de mulheres, atos bem pouco conhecidos, e buscou-se publicar as histórias, praticamente, de todas que se ia encontrando no caminho. A

participação feminina em jornais, revistas, teatros sociais, comunidades, centros culturais, conferências, manifestações de rua ou simplesmente apoiando os companheiros, amigos e irmãos era bastante intensa e numerosa aqui no Brasil. Devido a isso, torna-se difícil publicar a história de todas, pois as cartilhas ficariam muito extensas e os recursos de que dispomos são poucos.

As libertárias fizeram sua história dentro da história do movimento anarquista por todas as partes do mundo. Em um exemplo de prática anárquica, a Colônia Cecília - comunidade libertária que foi fundada no Paraná no ano de 1891 pelo anarquista e engenheiro agrônomo Giovanni Rossi - a participação das mulheres foi intensa, seja organizando as reuniões ou cuidando das plantações e jardins da comunidade.

Na Comuna de Paris, movimento que eclodiu em 1871, as mulheres estavam à frente da defesa e organização da Comuna, realizando barricadas e levantes contra os Versalheses que queriam destruir a experiência libertária comunal.

Para não nos prendermos tanto no passado, atualmente, a presença feminina em grupos, centros de cultura, grupos de teatro, manifestações, coletivos, fazendo jornais e revistas, entre outras organizações anarquistas, continua tão intensa quanto antigamente. Na Suíça, Brasil, Espanha, Canadá, Itália, México, entre outros países e uma nova feição se insere dentro do anarquismo, atualmente com a participação das mulheres, que são os coletivos anarcofeministas.

Além do resgate das atividades de mulheres libertárias, outro objetivo para se realizar este trabalho é o de procurar desmistificar as mentiras que foram publicadas nos jornais de partidos ditos revolucionários, que fazem questão de deturpar a história do anarquismo e muitas vezes fazem uso de "símbolos" anarquistas para suas propagandas de cooptação dos trabalhadores.

Como exemplo, poderíamos citar as inúmeras publicações, livros e outros que, falando de momentos históricos de intensa participação anarquista, como as movimentações

operárias que resultaram no 1o de Maio, a Guerra Civil Espanhola, a participação d@s libertári@s na formação de sindicatos, associações culturais, de defesa d@s trabalhador@s e tantos outros, em que a mesma é parcial ou completamente esquecida. Seguem junto com a história oficial, carregados de mentiras!

Por isso, cada cartilha trará alguns acontecimentos que tiveram a participação d@s anarquistas.

Desejo que você que adquiriu este material deleite-se com ele e fique sabendo um pouco dessas mulheres e de alguns acontecimentos na história mundial em que @s anarquistas estiveram presentes, e que os livros da História oficial nunca quiseram contar.

Enfim, boa leitura e faça você mesm@!

Libertárias

“Às que foram,
Às que continuam,
Às que virão.”

*** Louise Michel**

Louise Michel é de origem francesa, precisamente da cidade de Vrouncourt. Tinha um grande talento literário e se correspondia com o escritor do romance Os Miseráveis, Victor Hugo, que a apoiava bastante.
Professora primária do ensino particular, só não trabalhou no ensino público por que se recusou a prestar juramento ao imperador Napoleão III, e, em 1856, começou a lecionar em Paris, num colégio feminino.
No cerco prussiano de 1870 na França, ela participou da União das Mulheres para Defesa de Paris e Auxílio aos Feridos, organizando ambulâncias e cantinas populares e, já como militante anarquista, começa a se expressar em reuniões públicas e participa das jornadas insurrecionais parisienses.
Louise Michel esteve presente nos acontecimentos da Comuna de Paris, quando o povo parisiense derrubou o poder e declarou sua cidade livre, participando da luta armada e apelo à resistência ao cerco de Versalhes. Participa também na defesa de Montmartre, quando os versalheses entram em Paris. Louise leva a frente um destacamento feminino, na barreira de Chauseé de Cignancourt, nas barricadas do Cemitério de Montmatre e na Place Pigalle. Aliás, não foi apenas Louise Michel quem participou enquanto mulher do levante revolucionário e do estabelecimento da Comuna de Paris, muitas outras mulheres estavam envolvidas com estes processos, organizando levantes e barricadas para defender a Comuna.
Para salvar sua mãe, que havia sido presa durante o tempo em que ela esteve ausente de casa, Louise entrega-se aos versalheses e conhece, então, os horrores do campo de concentração de Satory. Lá, assiste ao fuzilamento do communard Theophile Ferre. Quando é conduzida ao

Conselho de Guerra de Versalhes, Louise Michel comparece perante o tribunal, coberta com um véu negro, e não renega nenhuma das acusações que lhe são dirigidas pelo Conselho. É então condenada à deportação e passa pela prisão central de Auberive. É nas prisões que escreverá mais poemas, entre eles, "Os cravos vermelhos", "A revolução vencida" e "Aos meus irmãos".
Em 24 de agosto de 1873 é exilada para o arquipélago de Nova Caledônia e, durante sete anos, leva carinho aos companheiros de cativeiro. Faz amigos entre os Canacas, população indígena do arquipélago, e entre os Cabilas argentinos.
Volta para a França em novembro de 1880, após anistia completa e definitiva, pois recusou os perdões individuais.
Embora anarquista, Louise Michel participou das conferências públicas realizadas por outras correntes socialistas, ao lado de Jules Guesde, Paul Lafargue e Edouard Vaillant. A sua atividade valeu-lhe mais três anos de reclusão.
"A virgem vermelha", apelido que o povo de Paris deu à Louise Michel, morreu em 10 de janeiro de 1905, na cidade de Marselha, no decurso de um ciclo de conferências que ela chegou a fazer por todo o país. Louise Michel deixou uma vasta e variada obra literária: discursos, memórias, poesias, romance, dramas e literatura infantil.

*** Lucy Parsons**

Filha de mãe mexicana e pai índio, ou, segundo alguns pesquisadores, filha de escravos do Texas, Lucy Parsons foi uma ativa militante operária e anarquista americana. Aos três anos de idade ficou órfã, e desde então foi criada por um tio no Texas.
Em 1870 conhece Albert Parsons, um ex-soldado confederal que, de republicano radical se tornou, tempos depois, militante anarquista. Devido ao casamento

inter-racial, foram forçados a sair do Texas e, em Chicago, começam a participar do movimento sindical em desenvolvimento.
Em 1878 passa a colaborar no jornal *O Socialista*, iniciando sua atuação como escritora e agitadora.
Em 1883, Lucy está entre @s fundador@s da *International Working People´s Association (IWPA)*, organização anarquista internacionalista que propunha o uso da ação direta, e, entre outros pontos, a igualdade das mulheres e d@s negr@s. Participou ativamente desta organização, colaborando também no seu jornal, *O Alarme*. Em seus artigos, defendia a ação direta contra os ricos e poderosos, e tratava em muitos da questão do racismo e da discriminação, colocando a necessidade de que @s negr@s se integrassem à luta contra o capitalismo.
Em 1886 a IPWA esteve envolvida na organização da greve geral em defesa das 8 horas de trabalho no Primeiro de Maio, que desencadeou as manifestações na Praça Haymarket, e o conhecido processo dos Mártires de Chicago. Entre os operários anarquistas mortos estava seu companheiro, Albert Parsons, que foi enforcado em 11 de novembro de 1887.
Em 1905, participou da fundação da IWW, confederação sindical revolucionária, e colaborou no jornal *O Libertador*.
Com o avanço do nazi-fascismo, nos anos 30, adere ao Partido Comunista.
Lucy morre em 1942, em um incêndio em sua casa; a polícia apreendeu seus livros e documentos pessoais após o incêndio.

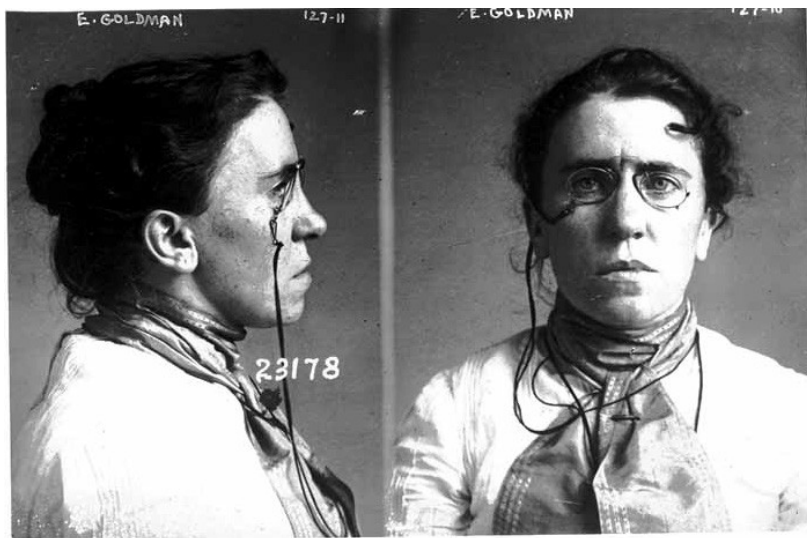
*** Voltarine de Cleyre**

Voltarine nasceu em 17 de novembro de 1869, em Michigan, Estados Unidos. Foi educada em um colégio católico no Canadá, de onde fugiu.
Tornou-se anarquista em meio aos acontecimentos de Maio de 1886, em Chicago, e colaborou na imprensa anarquista, principalmente na revista *Mother Earth*, propagando as idéias

libertárias por todo o país. Traduziu muitas das obras anarquistas que foram publicadas nos EUA no século XIX.
Foi amiga d@s anarquistas Dyer Lum e Emma Goldman, e, quando Emma foi processada, em 1893, escreveu o opúsculo *Em Defesa de Emma Goldman do Direito de Expropriação.* Teve contatos também com Kropotkin, em 1897, com o grupo editor do jornal *Freedom* e com exilados espanhóis.
Morreu aos 46 anos, em junho de 1912, vítima de um ferimento resultante de uma tentativa de assassinato que sofreu alguns anos antes.

*** Emma Goldman**

Emma morava com os pais em São Petersburgo, Rússia, e se dedicava bastante aos estudos. De família judia, o pai queria que ela largasse os estudos para se casar, mas ela relutou. Em 1881, o czar Alexandre II é assassinado e uma grande turbulência toma conta da cidade de São Petersburgo, e então os Goldman fogem para outra cidade.
Nessa época, a repressão atinge duramente os judeus. E nesse clima de opressão, nasce o anarquismo russo, fruto da revolta de estudantes, operários e camponeses contra o despotismo dos czares.
As leituras colocaram Emma em contato com o pensamento niilista e os personagens de Turgueniev, em *Pais e Filhos*, e de Tchernichevski em *Que fazer?*, mas ela teve que parar os estudos para começar a trabalhar como costureira, ajudando nas despesas familiares. E quando a irmã Helena decidiu juntar-se a outra irmã nos Estados Unidos, Emma foi junto com ela, em dezembro de 1885. Foi lá que ela começou a envolver-se com o anarquismo.
Em Rochester, acompanhou as lutas operárias de reivindicação das oito horas de trabalho, que resultaram no enforcamento de quatro anarquistas em Chicago. Teve contato

também com Joana Grei, J. Most e Voltarine de Cleyre.
Ao se mudar para Nova York, é apresentada ao anarquista russo Alexandre Berkman (Sacha), que será seu companheiro de ações e no amor. Emma já vivia o ideal de uma sociedade natural não limitada pelas leis dos homens, defendia um anarquismo sem regras e que para a revolução não havia receituário.
Ela fez uma excursão por alguns países com outro anarquista, Johan Most, e quando volta para os EUA assiste a explosão de uma greve nas fábricas de confecções. Tenta convencer as companheiras a participarem na greve e passa a organizar comícios, concertos e bailes.
Ao lado de Berkman, Fedya e as irmãs Mink, que a hospedaram quando ela chegou à Nova Iorque, formou uma comunidade e montou uma cooperativa de costura. Mas a cooperativa se desfez, Emma e Sacha voltam para Nova Iorque e juntam-se ao grupo Die Autonomie.
Berkman, Emma e Fedya ainda tentam um novo "empreendimento" - um estúdio de fotografias em Massachusets - que também não dá resultado. Emma passa a trabalhar como garçonete, sendo seus lucros destinados a financiar a volta de Sacha à Rússia.
Mas, em maio de 1892, perto de Pittisburg, explode um conflito entre os operários e o magnata do aço Andrew

Carneggie, que se recusava a aceitar as reivindicações dos operários e colocou na direção de sua empresa um especialista em repressão, Henry Frick. Sacha e Emma ficam sabendo disso e se organizam para realizar um atentado contra Frick.
Emma chegou a se prostituir para conseguir dinheiro para comprar as armas, porém o atentado não deu certo. Frick sobreviveu, Sacha foi preso e condenado a 22 anos de prisão. Emma não foi formalmente envolvida no processo do atentado, mas passou a ser vigiada.
Em 1893, foi acusada de incitar a desordem durante um movimento grevista, sendo presa e condenada a um ano de prisão em Blackwells Island. Libertada, conheceu o revolucionário austríaco Ed Brady, com quem passa a morar, mas Sacha continua sendo o centro de suas preocupações.
Emma Goldman foi presa diversas vezes e teve que viver no anonimato, adotando o pseudônimo de Miss E. G. Smith.
Depois de solta, ela começa a trabalhar como enfermeira, se aperfeiçoando em Viena, e quando de lá volta, passa a exercer a profissão de parteira, entrando em casas miseráveis e vendo de perto a submissão das mulheres na família, deparando-se com a tragédia da gravidez forçada.
O feminismo de Emma é bem atual na medida em que rejeita a armadilha de restringir a opressão das mulheres a uma questão de Estado, e ataca seus fundamentos nas práticas da sociedade, na sexualidade - "a principal arma da sociedade contra as mulheres" - na divisão do trabalho e na reprodução familiar.

Emma decidiu-se por não ser mãe, preferia dedicar-se integralmente à luta anarquista, pois observava que os homens poderiam ser pais sem renunciar à revolução e a liberdade, mas a situação para as mulheres era bem diferente.
Em 1900, de passagem por Paris, assistiu ao primeiro congresso neomalthusiano e tratou de informar-se sobre métodos contraceptivos. A partir daí, ela passa a realizar algumas

conferências sobre este tema, entre elas, estão "*O controle da natalidade*" e "*O direito da criança a não nascer*".
Em 1906, ela realiza um velho sonho, a produção da revista *Mother Earth.* Um ano depois, Berkman foi solto e passa a assumir a direção da revista.
Aconteciam crises sociais em 1907-08 e dela resultaram greves, agitações operárias, organização de trabalhadores em sindicatos, e Emma e Sacha procuravam se envolver em todas estas atividades.
Em uma das conferências que fez, Emma conheceu o médico Ben Reitman, com quem se envolveu amorosamente. Emma era uma defensora do amor livre, mas com Reitman, ela não conseguiu ter um relacionamento aberto, chegando até a segui-lo quando o viu conversando com outra mulher. Viveram juntos por quase 10 anos, até que a relação se desgastou devido a uma série de fatores que envolveram a mãe de Reitman, os ciúmes de Emma e os amigos dela, que não gostavam dele.
Com a entrada dos Estados Unidos na guerra, em 1917, foi desencadeada uma onda patriótica e militarista no país, e Emma e Berkman participaram então do movimento contra o alistamento militar. Foram presos, julgados e libertados sob fiança, para em seguida - já que havia uma perseguição por parte do FBI contra @s anarquistas e socialistas que lutavam contra o militarismo e a violência do Estado – serem deportad@s, na madrugada de 21 de dezembro de 1919, para a Rússia.
Ao chegar à Rússia, depararam-se com a Revolução Russa, mas, pouco a pouco, foram descobrindo as grandezas e misérias da grande revolução.
A Tcheca (polícia política), sob ordens do governo bolchevique, assassinava aquel@s que não concordavam com as medidas que eram decididas de forma centralizadora por Lênin e seus comandados, em nome da ditadura do proletariado. Muit@s anarquistas e socialistas revolucionári@s foram pres@s.
Emma e Sacha viajaram por quase toda a Rússia, trabalhando como interpretes para visitantes estrangeiros, organizaram uma caravana para coletar documentos para o Museu da Revolução, e Emma ofereceu-se para prestar também seus serviços como enfermeira.
Mas a destruição da cidade de Kronstadt pelo governo

bolchevique foi o ponto de ruptura de Emma e Sacha, e de tod@s @s anarquistas que apoiaram a revolução.
Emma chegou a conversar com Lenin sobre as impressões que tinha de como estava sendo conduzida a revolução - repressão aos dissidentes, desigualdades na NEP, autoritarismo, centralização, uma "luta mortal" pela consolidação da ditadura do proletariado, e assim, as solicitações d@s anarquistas não foram atendidas.
O governo bolchevique decidiu extraditar alguns/mas pres@s anarquistas, Emma e Sacha solicitaram passaportes, viajaram para Riga e em seguida para Estocolmo. Ela chegou a dizer sobre a Revolução Russa:
"minha idéia sobre a revolução não é a de um extermínio contínuo das dissidências políticas... a vida de cada indivíduo é importante e não pode ser aviltada e degradada como se fora um autômato. Essa é a minha contradição principal com o Estado comunista".
Os anos que se seguiram, um interminável exílio, foram marcados pelas dificuldades com as autoridades de vários países, problemas financeiros e isolamento cada vez que tentava transmitir as angústias de sua experiência na Rússia.

Em 1935, completou 65 anos, vivendo-os na ilha de Saint Tropez, na França, onde escreveu suas memórias, que foram revisadas por Sacha, que pouco depois se suicidou, pois não suportava as dores das duas operações que sofreu.
Após a morte de Sacha, Emma seguiu para a Espanha, apoiando a Confederação Nacional do Trabalho (CNT) e a Federação Anarquista Ibérica (FAI), envolveu-se na luta d@s anarquistas espanhóis, mas fez algumas críticas aos anarquistas na Revolução espanhola, apontando-lhes os efeitos negativos da participação no aparelho de governo (caso de Federica Montseny) e da aliança com os comunistas. De volta a Inglaterra, passa a divulgar a CNT e a FAI por lá.
Em 17 de fevereiro de 1940, a incansável e guerreira Emma Goldman sofreu um derrame, falecendo dois meses depois, no mesmo ano.

“O direito a voto, a igualdade civil, podem ser reivindicações justas, mas a emancipação real não começa nem nas urnas nem nos tribunais. Começa na alma de cada mulher.”

"Os 3 fantasmas que acorrentam homens e mulheres: a religião que nos domina a mente, a propriedade privada que nos faz escravos e o governo que nos oprime"

*** Juana Roco Buela**

Juana nasceu em 1889, em Madrid, e viveu entre Buenos Aires e Montevidéu, onde integra o movimento anarquista e se torna redatora de jornais operários e feministas. Ao lado de outras libertárias, cria um centro anarquista feminino em Buenos Aires, conscientizando e organizando as trabalhadoras.
Figura importante do anarco-sindicalismo argentino, em 1904 dirige a palavra, durante a manifestação de 1 de maio em encontro convocado pela FORA.
Em 1907, organiza com as companheiras Virginia Bolten, Teresa Caporaletti e Maria Collazo, o Centro Feminino Anarquista. Neste mesmo ano, Juana e a uruguaia anarquista Maria Collazo são oradoras durante uma marcha de protesto pela alta dos aluguéis e desalojo dos cortiços, organizada pelo comitê da Greve de Inquilinos, que teve adesão de 100 mil

pessoas, em grande parte operári@s, e foi duramente reprimida.
Também escreve um livro de memórias, registrando sua atuação nas campanhas de agitação contra a morte do pedagogo espanhol Francisco Ferrer, em 1909. Após fazer um discurso inflamado a favor de Ferrer, a multidão avança contra as forças policiais, resultando em muitas mortes e sua condenação como "louca".
Ainda em 1909 funda, com Virgínia Bolten, María Collazo e alguns companheiros anarquistas o periódico anarquista La Nueva Senda.
Juana está também entre as fundadoras do Centro de Estudos Sociais Argentino, que dá origem ao periódico Nuestra Tribuna, a primeira publicação anarquista de caráter internacional.
Com intensa atividade militante, Juana falece aos 80 anos de idade, em 1968, na Argentina.

*** Maria Lacerda de Moura**

Nascida em 16 de maio de 1887 em Minas Gerais, foi uma figura polêmica, e desde cedo teve interesse pelas idéias sociais e anticlericais.
Maria Lacerda de Moura defendia uma postura libertária para as mulheres, quando, por exemplo, incitava as mães de soldados que estavam indo participar da Segunda Guerra Mundial, no combate às tropas nazistas, para que não deixassem que seus filhos se alistassem no exército; dizia ainda que o voto não significava nenhuma emancipação para as mulheres e defendia a maternidade como uma livre opção, e não uma imposição.
Foi professora primária, em Barbacena, Minas Gerais, formada pela Escola Normal, e acreditava na educação como um instrumento de transformação social, tendo adotado a pedagogia libertária de Ferrer. Como educadora aderiu às campanhas de alfabetização de adultos, e fundou a Liga Contra o Analfabetismo. Na década de 20, 80% da população brasileira tinha acesso a uma alfabetização rudimentar.
Teve um trabalho com as mulheres da região, incentivando mutirões de construção de casas para a população carente da cidade.

Ao se mudar para trabalhar em São Paulo, em 1921, começou a dar aulas particulares e posicionou-se contra as iniciativas oficiais no ensino, buscando alternativas educacionais ligadas a movimentos sociais.
Partindo de suas leituras e reflexões sobre a condição feminina, no trabalho e na educação, passou a combater outras formas de autoritarismo na esfera do pequeno grupo e na privada, como combateu na esfera pública com relação ao poder político e econômico.
Participou do teatro social e colaborou com a imprensa operária e anarquista, tendo fundado em 1923 a revista Renascença, que circulava entre os anarquistas e livres-pensadores. No jornal *A Plebe*, escrevia principalmente sobre pedagogia e educação. Denunciava as práticas pelas quais os exploradores mantinham o saber e o poder sobre a mulher e a criança, adotando assim o discurso e a prática pedagógica anarquista.
A partir de 1926, passou a viver em uma comunidade, em Guararema, interior de São Paulo. Tratava-se de um lugar formado por objetores de consciência da Primeira Guerra Mundial, que tinham se reunido à beira do rio Paraíba, pretendendo viver em liberdade, sem hierarquias. A comunidade de Guararema pereceu diante da repressão do governo de Getúlio Vargas, em 1935. Quando a comunidade acabou, Maria Lacerda de Moura voltou para Barbacena e tentou viver como professora de preparatórios para o ginásio.
Teve algumas divergências com os anarquistas, respectivamente nos anos de 1923 e 1935. A primeira divergência foi quando em uma conferência chamada "Conformados e Rebeldes", ela discorreu sobre a obra educacional do ministro da União Soviética, elogiando-a. A platéia era de anarquistas, que ficaram revoltados, pois sofriam com as violentas perseguições movidas pela União Soviética aos dissidentes do Comitê Central e não gostaram nada no apoio que Maria Lacerda deu a obra do ministro russo em seu discurso. Em 1922, ela volta a juntar-se aos anarquistas na campanha contra a guerra e na Liga Anticlerical.
Mas vem então a segunda polêmica, quando ela declarou, durante a publicação de seu livro antifascista "Fascismo - filho dileto da Igreja e do Capital", que além de Jesus Cristo

não conhecia outros anarquistas. Daí então, houve um novo afastamento, tanto de Maria Lacerda de Moura em relação aos anarquistas, quanto dos anarquistas em relação a ela.
Osvaldo Salgueiro e Pedro Catalo, no jornal A Plebe, diziam que Maria Lacerda tinha um discurso confuso e disperso, uma inconsistente teoria política e apresentava contradições em seus escritos e em sua atuação. Edgard Leuenroth, teve a colaboração da jornalista nos jornais A Plebe e A Lanterna e quando escreveu seu livro, em 1953, Anarquismo: roteiro de libertação social, não menciona nenhuma obra de Maria Lacerda de Moura.
Ela se considerava individualista e dizem que por isso ganhou antipatias das feministas que não davam respaldo aos livros publicados e palestras que ela fazia, até porque ela criticava os propósitos das feministas, que acreditavam que o voto e a mulher no poder mudariam a situação de submissão das mulheres. Durante algum tempo foi presidenta da Federação Internacional Feminina e tentou articular as mulheres de Santos e São Paulo num movimento que ultrapassasse os objetivos eleitorais do movimento sufragista de Bertha Lutz.
Embora tivesse tido divergências com @s anarquistas, os pontos em comum entre el@s eram vários.
Tinha posturas que se aproximavam dos movimentos anarquista e feminista, mas sentia-se livre para tecer críticas a ambos, ou a outros movimentos político-sociais, pois via erros neles e não conseguia deixar que isso passasse "em branco", sem que ela exprimisse sua posição pessoal.
De 1939 a 1945 (ano em que morreu), recolhe-se a um silêncio correspondente à crença de que cada um@ só pode descobrir a sua verdade, e sob a inspiração de Tolstoi, Gandhi e do individualista francês Han Ryner, passou a denunciar os perigos da "ciência sem consciência", cujas descobertas ligadas aos interesses industriais iriam ampliar as conquistas bélicas.
Algumas obras de Maria Lacerda de Moura: Em torno da educação; A mulher é uma degenerada?; Lições de Pedagogia; Religião do amor e da Beleza; Clero e Estado; Amai... e não vos multipliqueis; Clero e Fascismo e Serviço Militar Obrigatório para mulher - Recuso-me, Denuncio!

* Luce Fabbri

Luce Fabbri nasceu em Roma, no ano de 1908. Filha do anarquista Luigi Fabbri, conviveu em um ambiente libertário, tendo tido contato com vários anarquistas, entre eles, o diretor do jornal Umanitá Nova, Errico Malatesta.
Em 1929, vai para o Uruguai, fugindo do regime fascista de Mussolini, que perseguia brutalmente anarquistas e comunistas. Antes de chegar ao Uruguai, a família Fabbri se separa: seu pai foi para a França, o irmão de Luce e a mãe ficaram em Roma e Luce ficou em Bolonha.
Depois, Luce foi se juntar ao pai, na França.
Por pressão da embaixada italiana, Luigi Fabbri ia ser expulso da França, sendo durante este tempo obrigado a renovar de quinze em quinze dias a autorização para ficar em Paris.
Mas, uma noite a polícia foi ao hotel onde ele estava e o levaram até a fronteira da Bélgica, por onde atravessou clandestinamente, pois se fosse descoberto teria de voltar preso. Luigi conseguiu chegar até Bruxelas e ali começou a se preocupar com a viagem para a América do Sul. Luce e sua mãe se encontraram com ele em Antuérpia e seguiram para a Argentina.
Na Argentina, o pai de Luce se integra à equipe da revista Protesta. Porém, em 6 de setembro de 1930, um golpe militar acaba com o governo democrático e ordena a destruição das redações de todos os jornais anarquistas.
Luigi ainda colabora com o jornal Protesta, com uma página italiana, sendo 3 ou 4 números publicados na Argentina até sua morte. Luigi Fabbri também elaborava outra revista, em formato de jornal, que se publicava na tipografia de Protesta e era distribuída a partir da Argentina.
A ditadura na Argentina desestruturou o movimento anarquista.
Quatro anos após a implantação da ditadura na Argentina, Luce chega ao Uruguai, mas não é tão forte como foi na

Argentina. Com o golpe de Estado, não se pode mais permanecer na Argentina e então Luigi continua a fazer a revista no Uruguai, até a sua morte.
Já integrada ao movimento anarquista no Uruguai, a morte de seu pai não fez com que ela se afastasse do movimento, participando, pelo contrário, ainda mais ativamente. Luce se integrou às Juventudes Libertárias, tentou prosseguir com a revista que ele começou a fazer, mas logo se envolveu em outro projeto de revista, a Estudos Sociali, que tinha como público os emigrantes italianos antifascistas.
Depois da queda do regime na Itália (1945), Luce passa a colaborar com outras publicações anarquistas, através da elaboração de folhetos no Uruguai e na Itália, entre eles, "La libertad en la crisis revolucionaria" e "Anti-imperialismo e anti-comunismo y paz". Sobre estas publicações, ela disse:
"Foram muito importantes para a evolução das minhas idéias, onde sustento que é mais importante o caminho, até a anarquia, do que a meta. Se abandonamos os princípios como forma de chegar mais rápido à meta, suicidamo-nos."
Depois da Segunda Guerra Mundial, a situação na América Latina estava mais tranqüila, a liberdade era mais visível e havia diversas possibilidades de ação. Pouco tempo após a morte do pai de Luce, eclode a Guerra Civil Espanhola. Em contato com Santillan, através de cartas, ela pergunta a ele como pode ajudar @s companheir@s espanhóis. A ajuda vai através de alimentos, roupas e medicamentos.
Luce Fabbri seguiu a profissão do pai, que era professor. Dá aulas de literatura italiana na Universidade de la Republica, escreveu inúmeros livros, seja de crítica ao fascismo italiano, em defesa da liberdade e da autonomia individual e social, como em "Camisas Verdes", de 1933, e "El anarquismo más allá de la democracia", de 1983, seja na área literária.
A partir de 1949, sua atuação no movimento anarquista, seja no Uruguai ou colaborando em outros movimentos, se torna um pouco mais branda. De vez em quando intervinha nas Juventudes Libertárias e colaborava no Jornal Volontá.
O ensino na universidade absorveu a maior parte de seu tempo, o que não a fez deixar de lado suas posições anarquistas, pois realizava um trabalho pedagógico e educacional muito intenso voltado para o Anarquismo, batendo-se muitas vezes com os conservadores, e outras

tantas com os comunistas, que queriam impor um ensino dogmático marxista.
Nos anos 50 surge a Federação Anarquista Uruguaia (FAU), que existe até hoje, tendo Luce Fabbri estado presente em sua fundação.
Luce Fabbri tinha 94 anos quando faleceu, em 19 de agosto de 2000, em Montevidéu. Sua última atividade foi o conselho editorial da revista Opción Libertária, fundada em 1976.

*** Inés Güida de Impemba**

Conhecida como *"la Negra"*, Inés Güida de Impemba morreu em 28 de maio de 1999, aos oitenta e quatro anos. Sua história começa em 1914, em meio a uma família numerosa de origem italiana, que vivia entre Sierra e Miguelete, em Montevidéu.
Foi essencialmente uma educadora e, antes mesmo de terminar os estudos secundários, deu aulas de piano. Algum tempo depois, começou a trabalhar com a preparação dos meninos e meninas que, saídos da Escola Primária, tinham de fazer um exame obrigatório para ingressar na Secundária. Começou com seus irmãos e irmãs e, pouco depois, passou ao bairro e círculo de amigos, incluindo os adultos que ela incentivava a retomarem os estudos, nos liceus noturnos.

Relembra Luce Fabbri, com a qual tinha estreita relação:
"(...) Assim a conheci eu, recém chegada ao país. Havia conseguido uma suplência no professorado de História e tinha a meu cargo um grupo numerosíssimo no Liceu Noturno de Vázquez Acevedo. Muitos destes quase sessenta alunos, que amiúde eram maiores que eu, haviam ingressado no Secundário graças às aulas de Inés, e falavam dela com cordialidade e respeito, como de uma amiga e, ainda, de uma autoridade cultural.
Seus ex alunos eram, graças a ela, quase todos anarquistas. (...) Havia abraçado o ideal libertário com toda a força de sua convicção, uma convicção tão firme que lhe durou a vida toda."

Participava das reuniões de jovens libertários, com Fernández Correa, Valentín Martinez, Irma (sua irmã), e outr@s. Sua

família se opunha a sua participação nestas reuniões noturnas e em outras atividades, que eram consideradas “impróprias para jovenzinhas”.
Inés e seu companheiro, Impemba, abriram uma pequena livraria e, neste ano, o primeiro da Guerra Civil Espanhola, recebiam muitos livros, revistas, cartazes e cartas com notícias do que se passava. Não eram bons comerciantes, e por isso a livraria fracassou.
Deu aulas de Espanhol na Universidade popular, que funcionou por cerca de três anos, com professor@s que trabalhavam de graça. A instituição fechou por falta de dinheiro para seguir pagando o local.
O ensino passou a absorver grande parte de seu tempo. Em sua passagem pela Universidade do Trabalho, interveio na estruturação de um novo programa para sua matéria. Pouco depois, na Seção Feminina de Ensino Secundário, foi uma das principais colaboradoras de Alicia Gayena, de critérios pedagógicos pautados pelo respeito à autonomia formativa do educando. Durante toda a sua experiência no ensino, buscou proteger a educação das inúmeras formas de autoritarismo que disputavam campo.
Com a ditadura, foi demitida, jubilada e separada de seu filho, que foi para fora do país.
Foi colaboradora da revista Opción Libertária, principalmente em sua difusão, mas se negava a escrever, insatisfeita com tudo o que escrevia.

* Matilde Magrassi

Matilde veio da Itália junto com seu companheiro Luigi Magrassi, para continuar no Brasil as atividades anarquistas que já realizava em sua terra.
Junto com o companheiro, integrou os primeiros grupos libertários e de teatro social, fundados pel@s anarquistas no Rio de Janeiro.
Morou no Rio de Janeiro e São Paulo na última década do século XIX e na primeira do século XX.
Ajudou a fazer o jornal Novos Rumos, lançado em maio de 1905 e colaborou, entre outros, com o Amigo do Povo e O Chapeleiro, publicados em São Paulo em idiomas italiano e

português; o primeiro sob a responsabilidade de Neno Vasco, e o segundo de José Sarmento Marques. Matilde fez intensa propaganda anticlerical e participou de algumas assembléias.
Para o 1o. de Maio de 1904, ela escreveu o texto "Emancipatevi!", que o jornal O Chapeleiro inseriu em idioma italiano na sua terceira página.
Neste texto, Matilde lança um grito de alerta às mulheres trabalhadoras para que se libertem do estigma de serem apenas donas de casa. Ela destacava a importância do papel da mãe junto aos/as filh@s, concluindo que não basta que só algumas pessoas conquistem direitos iguais, mas que tod@s consigam, existindo então a libertação do gênero humano.
Anos depois, Matilde Magrassi viajou com seu companheiro para a Argentina, começando por lá uma nova adaptação. Luigi Magrassi entrou para a redação de La protesta, e colaborava também com o jornal.

* Elvira Boni

Filha de imigrantes italianos, nasce no Espírito Santo do Pinhal, no Estado de São Paulo.
Começou a trabalhar aos 12 anos como aprendiz de costureira na Rua Uruguaiana, sem que recebesse de início nenhum salário, e depois passou a receber 10 mil réis por mês. Conhecia a Liga Anticlerical, e, por essa época, (1911-12), a jornada de trabalho começava às 8 horas e terminava às 19 horas; quando o serviço apertava, prolongava-se até às 20 e 22 horas.
Aos poucos, Elvira forma-se profissionalmente como costureira e começa a ter contato com jornais operários e anarquistas. Impulsionada pelo anarco-sindicalismo, em maio de 1919, com 50 companheiras de profissão, forma a União das Costureiras, Chapeleiras e Classes anexas, que funcionava na sede da União dos Alfaiates do Rio de Janeiro. Dentre as companheiras estavam Elisa Gonçalves de Oliveira, Aida Morais, Isabel Peleteiro, Noemia Lopes e Carmen Ribeiro.
Coube a Elvira a tarefa de ler o discurso de inauguração da União, publicado depois pelo Jornal do Brasil.
A primeira iniciativa da associação das operárias e costureiras, ainda em 1919, foi deflagrar greve pelas 8 horas de trabalho. Muitas grevistas foram punidas com demissão

sumária. Não obstante, apesar das medidas repressoras, as trabalhadoras continuaram sua marcha emancipadora, publicando manifestos, e, no 3o. Congresso Operário Brasileiro, Elvira e Noêmia Lopes representaram as costureiras.
Ela representou peças anarquistas e anticlericais, levadas à cena por grupos amadores nos palcos dos salões das associações operárias do Rio de Janeiro. Sua irmã, Carolina Boni, também participava do movimento anarquista, especificamente das peças teatrais e da Liga Anticlerical. Elvira participou na revista Renovação, dirigida por Marques da Costa, emprestando-lhe o nome como responsável (o diretor era estrangeiro e não poderia ser responsável). Num de seus artigos, intitulado A Festa da Penha, ela mostra o lado triste e hilariante dos pagadores de promessas que subiam as escadarias da Penha de joelhos.
Com as divergências entre os fundadores do PCB e os anarquistas, Elvira Boni se afasta do movimento libertário.

*** Carolina Peres**

Carolina Peres era companheira do anarquista Juan Peres, e dessa união nasceu Ideal Peres, anarquista como os pais. Ainda adolescente, Ideal começou a participar de diversos grupos anarquistas e fez parte do conselho editorial do informativo Libera... Amore Mio, do Centro de Estudos Libertários (CEL), grupo do Rio de Janeiro que, após sua morte, passa a se chamar Centro de Estudos Libertários Ideal Peres (CELIP).
Sua mãe Carolina fez parte em 1913 da União das Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas, junto com Elvira Boni e mais 6 companheiras. Elas foram presas diversas vezes por discursarem em assembléias e por publicarem manifestos libertários. Carolina também colaborou com grupos de teatro social do Centro de Cultura Social (CCS), grupo que funciona até hoje, na Vila Buarque, centro de São Paulo.

*** Sofia Garrido**

Conhecida em todo o país como Sofia Garrido, seu verdadeiro nome era Maria Sophia Loaise.

Era casada com o pedreiro Miguel Garrido, e entrou no Brasil pela fronteira, trazendo da Argentina as idéias e práticas anarquistas. Chegou a Santos com seu companheiro, que ali já tinha estado em 1915, exatamente quando se reorganizaram os sindicatos, depois de algum tempo fechados pela polícia. Por falta de recursos para sustentar uma sede, @s anarquistas reuniram-se no Café Java e na confeitaria do povo. O casal Miguel e Sofia sempre comparecia em manifestações e nas reuniões do movimento anarquista.
Em 1917 explode em São Paulo a greve geral insurrecional. @s trabalhador@s santistas convocam um comício na Rua Brás Cubas esquina com a Luiza Macuco, em frente ao Sindicato dos Canteiros. Falaram Manuel Perdigão, Antônio Casal, João Perdigão, Sofia e Miguel Garrido, que encerra a manifestação declarando a greve geral de solidariedade para @s trabalhador@s de São Paulo. Do comício, ela tomou a frente d@s trabalhador@s presentes e foi em passeata nos jornais e aos sindicatos convocar os companheiros. Seu nome é anotado pela polícia em sua lista obscura. Dali em diante, as prisões sucederam-se e as expulsões também.
Miguel Garrido é preso em julho de 1919, mais ou menos pela décima vez, e a polícia resolve expulsá-lo. @s anarquistas enviam todos os esforços, por vias legais, para libertá-lo, mas nada surte efeito. Preparam então uma greve geral para Santos com o apoio do proletariado de São Paulo, mas antes Sofia resolve ir à delegacia, na intenção de convencer o policial Ibraim Nobre a soltá-lo. Discutiram e o policial a prendeu.
Entra em cena o Dr. Heitor de Morais para defender o casal, que, entretanto, não conseguiu soltar @s anarquistas argentin@s, conseguindo apenas um acordo, para que Miguel e Sofia fossem deportad@s para o Rio Grande do Sul por conta da União de Artes, Ofícios e Anexos.
Nos anos seguintes, Sofia participou do movimento em Porto Alegre. Em 1o. de maio de 1921 (segundo memória de João Perdigão), juntamente com Perdigão, Miguel, Frederico Kniestedt e o Tupi, participou de manifestações alusivas à data.
Sofia Garrido ou Maria Sophia Loaise, argentina de nascimento, defendeu o anarquismo, e, mais do que isso, a mulher, independente de cor, raça, nacionalidade ou idade,

em fervorosos discursos.

*** Isabel Cerruti**

Imigrante, Isabel veio bastante jovem ao Brasil, e, interessada desde cedo pelas idéias anarquistas, participou intensamente e de forma duradoura do movimento libertário.
Não se sabe ao certo de que lugar emigrou, mas supõe-se que tenha sido da Itália. Isabel escreveu em jornais anarquistas, proferiu conferências, falava em comícios públicos, de comemoração e protesto, e tomou parte no Centro Educativo Feminino e na Liga Feminina Internacional.
Não rejeitava convites para defender a mulher trabalhadora, e via no homem não seu rival, mas um companheiro de lutas. Ela não concordava com as mulheres sufragistas, por entender que a emancipação devia ser humana, não de sexos e/ou direitos iguais para iguais obrigações. Como anarquista, Isabel não defendia governos políticos, liberais e/ou autoritários de homens ou mulheres e ver a mulher em uma situação de submissão irritava-lhe bastante.
Isabel Cerruti colaborou na imprensa anarquista, em periódicos como *A Plebe*, com seu próprio nome e com os pseudônimos Isa, Ruti e Isabel Silva.

*** Angelina Soares**

Passou a morar em Santos de 1910 a 1914 junto com a família. Foi lá que Maria Angelina Soares conheceu o anarquismo, um pouco por influência do seu irmão Florentino de Carvalho (Primitivo Raimundo Soares). Ela era bordadeira.
Em 1914, voltou para São Paulo, indo morar na Rua Bresser, no Brás, onde passou a se envolver com a luta anarquista. Primeiro ajudando seu irmão a fazer o Germinal-Barricata, periódico publicado nos idiomas português e italiano, e, depois, dando aulas nas Escolas Modernas no. 1, na Av. Celso Garcia e na no. 2, na rua do Oriente.
Maria Angelina começou a participar da imprensa anarquista em 1915, escrevendo um artigo sobre "A Guerra", para o jornal libertário A Lanterna, dirigido por Edgard Leuenroth.

Depois colaborou em A Voz da União, dirigida por Souza Passos; na Voz dos Garçons, dirigido por Nicolau Parada, morto mais tarde no campo de concentração do Oiapoque; na Plebe, na revista Prometheu, dirigida pelo seu sobrinho Arsênio Palácio, e em O Libertário, publicado sob a responsabilidade de Pedro Catalo, na década de 60.
Ainda em São Paulo, Angelina ajudou a fundar e dirigiu por algum tempo o Centro Feminino de Educação. No ano de 1923, a família Soares vai para o Rio de Janeiro, fixando residência na Rua Maria José, na Penha. No Rio, Angelina e suas irmãs Matilde, Antônia e Pilar passaram a integrar o elenco do Grupo Renovação e Música.
Maria Angelina Soares morreu no Rio de Janeiro em 1985.

* Paula Soares

Paula Soares era madrasta de Maria Angelina Soares, e, por influência do também enteado Florentino de Carvalho, passou a participar do movimento anarquista.
A casa d@s Soares, na Rua Brás Cubas, bairro Macuco, na cidade de Santos, foi transformada em local de encontros, reuniões e debates anarquistas.
Em contrapartida, o pai de Florentino de Carvalho, muito católico, não apoiava as idéias do filho. Assim, ele encontrou na madrasta, Paula, e nos irmãos deste segundo casamento de seu pai, colaborador@s para a causa libertária.
Em 1914, a família Soares mudou-se para o Brás, em São Paulo. Fixou-se na Rua Bresser, e em pouco tempo a modesta casa de Paula Soares foi transformada em pousada d@s anarquistas foragid@s, desempregad@s e d@s que estavam de passagem. Alguns/mas buscavam abrigo, outr@s comida, e outr@s ainda endereços de companheir@s. Foi ainda ponto de encontros, reuniões, redações de jornais, sala de aula para alfabetização, de sociologia e de anarquismo. Uma taramela de madeira era a fechadura da casa d@s Soares; a chave, um barbante amarrado numa das extremidades da taramela, atingindo o lado de fora por um orifício de um quarto de polegada, com um nó na ponta. Tod@s @s anarquistas tinham "a chave": era só puxar o barbante e a porta abria.
Mas, quando a policia visitava o "lar da família Soares", "os

seus secretas" rondavam as imediações e o barbante era recolhido. @s visitantes logo percebiam o aviso e se afastavam antes que as autoridades os surpreendessem.
Em uma das reuniões que lá ocorreu, em agosto de 1922, entre as operárias da Fábrica de Tecidos Santa Branca, que haviam sido despedidas por reclamarem da redução do tempo de ida ao banheiro, decidiu-se que seria deflagrada uma greve geral no dia seguinte. Participou a operária Maria Alles, pouco conhecida, mas muito combativa.
Em 1923, @s Soares mudam-se para o Rio de Janeiro, e mais uma vez a casa desta família libertária se transforma em ponto de encontros, abrigo de foragid@s, de reuniões...
Com o falecimento de Paula Soares e dos companheiros de Maria Antônia Soares (Manoel Campos) e de Matilde Soares (Henrique Ramos) e a perseguição cada vez mais forte da ditadura sobre @s anarquistas, interrompe-se aquele reduto ácrata. As prisões de Florentino de Carvalho também abalaram a estrutura da casa.

*** Maria Rodriguez**

Vinda da Espanha, Maria Rodriguez chegou com seus pais a Santos, onde trabalhou como operária têxtil. Nos locais de trabalho e associações operárias, passou a ter uma convivência mais próxima com @s anarquistas, e, algum tempo depois, participou de grupos de teatro social e lutou lado a lado durante as greves.
Durante a greve nas Docas de Santos pelas oito horas de trabalho, desempenhou uma difícil tarefa.
O movimento começou coeso, sob a orientação dos trabalhadores libertários. A polícia foi chamada rapidamente, tentando obrigar os operários indecisos a traírem @s companheir@s, buscando enfraquecer a unidade da greve e prender @s “cabeças”.
Foram enviados navios de guerra para garantir os direitos dos Grafée-Guinle e, com o reforço, a polícia, sob o comando de Ibrain Nobre, iniciou a repressão do movimento.
Operários foram lançados nas ruas, inclusive muitos deles não eram empregados no cais do porto, embora estivessem de acordo com a greve e fossem solidários com os grevistas.
A violência policial apavorou a população santista,

principalmente as camadas mais humildes. Este fato pôs em perigo a vitória d@s doqueir@s e, por extensão, a de tod@s @s trabalhador@s, uma vez que a concessão das oito horas pela Cia Docas significava igual jornada para tod@s @s assalariad@s santistas.
Foi neste ponto que @s "cabeças" decidiram responder à violência com violência.
Vivendo na clandestinidade, Julião e outros militantes produziram algumas poucas bombas caseiras, fazendo-as explodir em lugares estratégicos.
O elemento de ligação entre os encarregados de jogar as bombas e de seus fabricantes, foi a valente operária Maria Rodriguez. Carregou as bombas numa velha cesta coberta com palha. A jornada de oito horas para os operários de Santos foi conquistada.
Apesar do êxito, os principais responsáveis tiveram de fugir de Santos: Antônio Julião, Antônio Ribeiro, Jacinto Amaro, Antônio Roux, Abel Cardoso e Diamantino Augusto. Maria Rodriguez continuou na cidade e nunca foi presa.

*** Margarita Ortega**

Como os grupos revolucionários - zapatistas, viilistas, entre outros - o movimento anarquista do México, encabeçado pelo Partido Liberal Mexicano, havia se lançado às armas contra a brutal ditadura do general Porfírio Diaz.
Com a luta e sob terrível repressão, a influência das idéias anarquistas de Magón (Ricardo Flores Magón, que participou da revolução mexicana em 1910) e seus companheiros estendia-se cada vez com maior força no seio das sociedades camponesas e operária do norte do México e Baixa Califórnia, do mesmo modo que no sul acontecia a rebelião zapatista. No início de 1911, uma das pessoas encarregadas do contato entre combatentes libertários magonistas era uma mulher: Margarita Ortega. Sua arriscada tarefa consistia em atravessar as linhas inimigas guiando os grupos que transportavam as armas, víveres e medicamentos até as agrupações que estavam armadas, e que viviam escondidas nas montanhas ou misturadas nas cidades e vilas. Sua valentia em combate e sua habilidade como amazona - que lhe permitia escapar de várias emboscadas - era admirada

entre @s guerrilheir@s.
A história de Margarita Ortega aparecia nas canções populares do México e era bem conhecida pel@s revolucionári@s.
Ainda que filha de uma família estabelecida, desde muito cedo preocupou-se com o destino d@s trabalhador@s e, como dizia, d@s deserdad@s, vítimas da injustiça social. Seus familiares - que aspiravam fazer parte da burguesia endinheirada - não só rechaçavam as idéias que a filha tinha, como se vê nas músicas, mas odiavam e repudiavam suas atitudes. E nesse ambiente, ela se casou e em pouco tempo pariu uma menina, que pôs o nome de Rosaura. Durante a infância de Rosaura, a mãe se vinculou ao movimento anarquista de Flores Magón. Desde o primeiro momento desenvolveu uma atividade organizativa que lhe valeu a confiança dos grupos clandestinos. Mas, à medida que chegava o fim da sangrenta ditadura de Porfírio Diaz, a luta tornava-se mais dura. Em princípios de 1911, alguns meses antes da queda do ditador, Margarita - segundo o próprio Magón - propôs ao marido irem junt@s combater na guerrilha: Eu te amo - ela disse - mas amo também a tod@s que sofrem e pel@s quais luto e arrisco minha vida. Não quero mais ver mulheres e homens dando sua força, saúde, inteligência, seu futuro para enriquecer os burgueses; não quero que por mais tempo haja homens mandando em outros homens. O marido negou-se. Então Margarita dirigiu-se a sua jovem filha, Rosaura Gortari: E você, minha filha, está disposta a me seguir ou prefere ficar com a família? Rosaura não duvidou em seguir com a mãe e ambas ingressaram como combatentes nos grupos armados. Quando, em 21 de maio de 1911, cai Porfírio Diaz, uma explosão de alegria acode todo o México. O povo saiu à rua acreditando que a liberdade e o fim da miséria estavam ao alcance da mão.
Entretanto, pouco durou a alegria e a esperança. Uma vez que Madero foi nomeado presidente, ele nega ao povo tudo aquilo porque havia lutado. Não acontece a reforma agrária, nem a devolução das terras comunais. E nas oficinas continuam as jornadas abusivas e salários infames. Os mineiros permanecem escravizados aos interesses das empresas estrangeiras. Em poucos meses, as prisões estão cheias de novo. Os fuzilamentos e execuções sumárias se sucedem por

todo o país e muit@s revolucionári@s têm que retornar às montanhas, entre el@s Flores Magón, Zapata, Margarita e sua filha Rosaura. Naqueles dias, em um dos atos de crueldade aos que tão aficcionados são governadores e militares, o general Rodolfo Gallegos ordenou que se levasse mãe e filha até o deserto e as colocasse em marcha sobre o imenso areal, debaixo de um sol abrasador, sem água, sem alimentos e a pé, com a advertência de que seriam passadas pelas armas se voltassem ao povoado. Durante vários dias, Margarita e sua filha arrastaram-se por aquele imenso areal, que fazia fronteira com os Estados Unidos. A sede e a fome foram minando a resistência de ambas. Rosaura foi a primeira a cair exausta com os lábios inchados e o rosto queimado. A mãe, ao vê-la cair desmaiada e com os olhos fechados, acreditou que tudo havia terminado, decidindo assim, esperar que a morte a encontrasse também, mas depois ela percebeu que a filha ainda estava viva e a observava. Tirando forças sabe-se lá de onde, conseguiram alcançar as cercanias do povoado de Yuma, já nos EUA. Ainda não recuperadas do sofrimento, os inspetores da imigração norte-americana arrastaram as duas e pretendiam deportá-las para o México, entregando-as a uma morte certa. Mas, em Yuma havia uma importante seção do movimento anarquista de Magón que, em seguida, organizou a fuga. Margarita e sua filha foram transferidas para Phoenix, Arizona, trocando seus nomes respectivos por Maria Valdés e Josefina. Entretanto, apesar dos cuidados da mãe e d@s companheir@s, a pequena Rosaura não pode salvar-se, falecendo logo que chegou. Durante algum tempo a mãe pareceu desesperar-se, mas, com o passar dos dias, tendo os olhos dirigidos para a terrível fronteira, pouco a pouco foi reanimando-se, e com ela, a necessidade de continuar a luta que havia iniciado.

De algum modo, Rosaura continuaria vivendo nela e assim manteria a esperança em um ideal comum. Assim o fez, com o companheiro Natividad Cortés - conta Flores Magón - empreendeu a tarefa de organizar o movimento revolucionário no norte de Sonora, tendo como base de operações o vilarejo de Sonoyta, do dito estado. Mas a tragédia a perseguia sob o nome do general Gallegos, agora partidário do novo chefe Carranza e contra o ditador Huerta, que havia assassinado Madero e ocupado o cargo de presidente da república. Em

outubro de 1913, Gallegos havia sido encarregado de vigiar a fronteira e cumprido este trabalho policial, em uma triste casualidade, pôs as mãos n@s anarquistas.
Natividad Cortés foi fuzilado no ato, e Margarita foi entregue às tropas do ditador Huerta. Em um campo próximo a Mexicalli. Submetida à tortura para que delatasse @s companheir@s que lutavam contra a nova ditadura e que sustentavam a organização anarquista clandestina. Margarita resistiu em silêncio. Durante quatro dias a obrigaram a ficar de pé e quando caia a levantavam a coronhadas e com chutes. Diante de seu silêncio, na manhã de 24 de novembro, a jogaram no deserto e ali a fuzilaram deixando seu cadáver estirado. No ano seguinte, chegada a brutal notícia ao conhecimento de Flores Magón, este escreve uma dolorida crônica, que segue, passo a passo, o terrível, enérgico testemunho desta mulher indomável, que será como uma premunição de si mesma.

Mulheres livres e a Guerra Civil Espanhola

O *Mujeres Libres* (Mulheres Livres) foi um grupo de mulheres anarquistas que se organizou e lutou pela libertação da mulher e por uma revolução anarquista durante a Guerra Civil Espanhola, com atividade entre abril de 1936 e fevereiro de 1939. O exemplo delas mostrou como a luta contra a opressão feminina e contra o capitalismo pode se juntar em uma única luta por liberdade, apresentando a questão da libertação da mulher sob a perspectiva da emancipação da classe trabalhadora.

As mulheres espanholas antes da guerra civil vinham de um longo processo de lutas, participando ativamente de greves, ações diretas, e até mesmo pegando em armas, como em 1909, nas barricadas erguidas nas ruas de Barcelona durante a "semana trágica", quando em greve a classe trabalhadora ocupou as fábricas sendo violentamente reprimida.

No ano de 1931 é proclamada a "Segunda República", uma série de mudanças começam a acontecer e as mulheres passam a se organizar cada vez mais. Assim, quando o *Mujeres Libres* se formou, suas mulheres já tinham uma longa experiência de militância no movimento libertário e na CNT.

Os grupos femininos variavam: havia os de esquerda, mulheres anarquistas e socialistas, e também os de direita, fascistas e católicas. Existia ainda um movimento feminista que a ativista libertária Federica Montseny qualificava como *"burgues hasta la medula"* (burguês até a medula).
Quando os militares se levantaram no Marrocos e nos quartéis por todo o território espanhol, a resistência popular já vinha sendo preparada, a despeito da inoperância do governo republicano.
O levante militar foi repelido na maior parte da Espanha, e as mulheres não ficaram de fora nos combates: estavam nas barricadas atuando nas milícias populares, no atendimento aos feridos, na propaganda contra o fascismo, na ocupação das fábricas abandonadas pelos patrões, participando diretamente nos conselhos de operári@s organizad@s para gerí-los. Pode-se dizer que, com a guerra civil, uma revolução social também estava em curso nas áreas republicanas.
Tal situação criou condições favoráveis para que as mulheres redefinissem seus papéis sociais, tendo em vista o deslocamento de um grande número de homens para os campos de batalha. As mulheres estavam em toda parte, inclusive pilotando aviões de guerra. Os grupos feministas mais atuantes, além do *Mujeres Libres* (anarquista), eram a *Agrupación de Mujeres Antifascista* (comunista) e a *Unión de Muchachas,* que atuou na resistência de Madrid nos três anos em que a cidade esteve sitiada pelos franquistas.
Os grupos de mulheres, como as *Mujeres Libres*, desenvolviam importantes atividades, desde a alfabetização até cursos sobre a condição feminina, luta contra a miséria e a prostituição, estimulando a auto-estima das mulheres que se prostituíam.
O *Mujeres Libres* acreditava que era preciso libertar a mulher da tripla escravidão a que era submetida: escravidão da ignorância, de mulher e de reprodutora. Assim, realizavam muitas atividades em torno do combate à ignorância, através da capacitação cultural e social das companheiras, com salas de aula, conferências, leituras, exibição de filmes e palestras, intercâmbios com Sindicatos, Ateneus e Juventudes Libertárias.
Acreditavam na importância de uma luta conjunta entre homens e mulheres, em que houvesse a soma de todas as forças para a causa comum. Procuravam também contribuir

com o movimento revolucionário reunindo enfermeiras, professoras, médicas, artistas, químicas e trabalhadoras capacitadas.
Com apoio mútuo, elas criaram postos de trabalho para as mulheres anarquistas e produziam uma revista, trazendo informações sobre os postos de trabalho disponíveis e artigos sobre temas culturais, educação, filmes e esportes.
Acreditavam que a educação e a difusão da cultura eram essenciais para a emancipação feminina. A primeira edição da *Revista Mujeres Libres,* dentre cerca de treze números lançados, foi publicada na primavera de 1936, em Madrid, nascendo do encontro de *Luzia Sanchez Saomil* (1895 -1970), *Mercedes Camaposada Guillen* (1900 -1994) e *Amparo Poch y Gascón* (1902 – 1968).
Algumas mulheres assumiram postos ministeriais no governo republicano, caso de Federica Montseny, que durante algum tempo esteve no Ministério da Saúde, legalizando o aborto.
Nas áreas dominadas pelos fascistas, algumas mulheres também atuavam, mas num sentido inverso, como é o caso de Pilar Primo de Rivera, que dizia: "O lar é a única missão atribuída às mulheres pela pátria". Para as mulheres do lado nacionalista, os valores eram a submissão à autoridade dos maridos e chefes políticos, obediência total aos preceitos da igreja católica, a cumprir o serviço social.
Durante a guerra, as mulheres que estavam participando da Guerra Civil precisaram de suprimento de comida para as milícias e de montar comunidades para dormir e se alimentar. Elas organizaram o apoio para as mulheres nas milícias, exercícios de tiro a longa distância e ao alvo. Formaram uma escola para enfermeiras e uma clínica médica de emergência para tratar d@s ferid@s em batalha.
Em Barcelona, elas providenciaram um hospital que realizasse nascimentos e cuidado pós-natal para as mulheres, como também à saúde das crianças, controle de nascimento e discussões sobre sexualidade. Um instituto maternal foi batizado com o nome da anarquista Louise Michel.
A partir de 1937, com o crescimento da influência stalinista no governo republicano, é iniciado um processo de repressão e contra-revolução, ao qual as mulheres não passaram impunes. Com a proibição de participarem das milícias, a ação das mulheres ficou restrita à retaguarda.

Para o governo republicano a guerra contra os fascistas tinha de ser feita com um exército regular e sem revolução social. Essas medidas só serviram para fragmentar a luta contra as tropas de Franco, que por sua vez estavam unidas e avançaram, derrotando definitivamente as tropas republicanas em março de 1939.
Após a vitória de Franco na guerra, a mulher na Espanha voltou à sua posição de submissão, todos os direitos, conquistados em décadas de lutas árduas e sofridas, foram aniquilados e uma violenta perseguição foi imposta às mulheres antifascistas. Muitas delas foram mortas e torturadas, tiveram seus cabelos raspados e foram enviadas a campos de concentração. O aborto se torna ilegal, mas a prostituição era permitida. E segundo Ciano, embaixador de Mussolini na Espanha, cerca de 6.000 pessoas eram executadas por mês em Madrid.
Entre as cerca de 20.000 mulheres, divididas em pouco mais de 130 agrupações, que estiveram presentes nesta luta estão, em Madrid, *Consuelo Berges e Carmen Conde*; e, em Barcelona, *Pilar Grangel, Áurea Quadrado, Lola Iturbe, Nicolasa Gutiérrez, Maruja Boadas, Maria Cerdan, Apolônia de Castro, Felisa de Castro, Conchita Liaño, Soledad Estorach Esterri, Felicita Diaz, Maria Claramunt, Pepita Cárpena, Águeda Abad, Pura Pérez, Rosa Laviña, Adela Campo, Concha Guillén, Fina Cubells, Libertad Ródenas e Sara Berenguer*.

A luta pela libertação da mulher com uma perspectiva anarquista é, porém, anterior ao surgimento do grupo *Mujeres Libres*. Durante a segunda metade do século XIX e princípios do XX podemos encontrar diversas mulheres que, com sua luta, adubaram o solo para as gerações de companheiras que viriam a seguir.
Na Espanha dos séculos XIX e XX, em uma sociedade patriarcal, o papel tradicional da mulher, considerada com um nível de inteligência menor, era o de dona-de-casa e reprodutora. A Indústria, em crescente desenvolvimento, passou a fazer necessária a presença feminina na força de trabalho. Assim, era grande o número de mulheres na indústria têxtil, fábricas manufatureiras e oficinas de confecção manual.

Em 1884, ***Teresa Claramunt*** organiza um grupo de mulheres anarquistas com intensa atividade, e aparece também, pouco depois, na Sociedade Autônoma de Mulheres de Barcelona. Em 1902, passa a editar o periódico *Humanidad Libre,* feito por e para mulheres, com *Soledad Gustavo, María Caro, Teresa Vidal,* entre outras. É de Teresa um dos primeiros artigos escritos por uma operária, em 1903, que trata da condição social da mulher (*"A mulher, considerações sobre seu estado ante as prerrogativas do homem").*

Nascida em 1843 em Calonge, ***Isabel Vilá i Pujol*** foi uma das primeiras sindicalistas espanholas. Sua militância começa em Llagostera, para onde sua família se muda. Em 1872, em San Feliu de Guixols, participou de um comício de proselitismo sindicalista e, em 1873, se torna secretária da AIT em sua localidade. Morre em 1896.

Apesar dos poucos dados, é importante lembrar ainda, dentre os nomes que pudemos encontrar, das companheiras *Belén Sagarra, Francisca Saperas Miró, Isabel Hortensia Pereira, Cayetana Griñon e Antonia Maymón.*

"A liberdade da mulher é a condição da liberdade do homem, e vice-versa; essa é a liberdade como nós libertários e libertárias entendemos. Ela não visa substituir homens por mulheres na hierarquia da exploração, mas sim suprimir a exploração do homem pelo homem, seja macho ou fêmea. É permanecendo juntos, não em oposição uns aos outros, que lograremos êxito. É nisso que nós nos distinguiremos daquelas que reivindicam o feminismo e que não questionam os fundamentos dessa sociedade."

Sara Berenguer

Ex-secretária do Comitê Revolucionário da CNT-FAI e ex-Secretária da Propaganda do Comitê Regional de Mujeres Libres.

*** Francisca Saperas**

Francisca Saperas foi companheira de Martín Borrás, primeiro diretor do jornal anarquista que circulou na Espanha, "Tierra y Libertad", impresso em uma pequena prensa, situada na Barriada de Gracia. As filhas do companheiro Martín Borrás, Salud e Maria, que no momento da sublevação fascista de 18 de julho de 1936, entregavam a

publicação “Tierra y Libertad”, com muitas precauções diretamente nos domicílios dos escritores de Barcelona. Naquela época, as idéias ácratas eram muito perseguidas e por isso era preciso muita prudência para burlar a policia.

Francisca Saperas nasceu em Barcelona, no ano de 1851. Era uma mulher de compreensão sã e resistente. A casa de Saperas estava sempre aberta para os companheiros perseguidos. Essa mulher anarquista lutou em uma época de um reacionarismo violento e desafiou o perigo. Devido a ter dado guarita a um anarquista perseguido pela policia, ela se expunha a severas represálias. Mas Francisca e sua filha Salud não temiam os castigos nem as ameaças policiais e com naturalidade e cordialidade seguiam dando hospitalidade e solidariedade aos anarquistas. Muitas vezes tiveram de mudar de casa, e em diversos casos a medida foi inútil, pois a policia não perdia nunca sua pista. Em uma ocasião de intenso perigo, toda a família teve que emigrar para a França.

Em setembro de 1893, depois do atentado realizado por Pallas na Gran Via de Barcelona contra o general Martinez Campos, a polícia, como era de hábito, invadiu a casa dos parentes de Francisca e de Martín, na qual supunham que ali se forjava todas as conspirações. Uma madrugada chegou até a casa a guarda civil. Imaginando que Martín Borrás pudesse fugir, eles cercaram todo o bairro. Francisca foi interrogada e disse que seu marido não estava em casa. Era verdade, Borrás era precavido, ao perceber a presença dos guardas, ele fugiu por uma galeria. Mas cometeu a imprudência de voltar de noite e, como sua casa continuava vigiada, foi detido.

Martín Borrás foi preso acusado de participar do atentado contra Martinez Campos. Francisca Saperas esforçava-se para visitar o companheiro na prisão. O anarquista Cardenal, a ajudava bastante e acompanhou suas tentativas. Cansado das torturas que sofreu na prisão, Martín Borrás decidiu suicidar-se e deixou uma carta para a esposa e as duas filhas, que dizia no final: “Tenho a satisfação de ter me empenhado, por toda a minha vida, pela emancipação da humanidade”.

Mais tarde Francisca Saperas se uniu a Ascheri, que foi fuzilado nos calabouços de Montjuich. Francisca e sua filha foram detidas e maltratadas por ordem expressa do chefe superior da policia, de nome Portas. Emigrou para Buenos Aires, na Argentina, depois para os Estados Unidos e por fim

ao México, para em seguida retornar para a Espanha. Ela manteve relações com Teresa Claramunt, também anarquista; Teresa, ao regressar de Sevilla, em 1923, se hospedou em sua casa.
Teresa Claramunt, sem dúvida foi uma militante pioneira que se interessou pela educação social da mulher na Espanha. Ela pertenceu ao grupo de mulheres de Barriada de Gracia que vinha atuando desde 1900. Deste grupo participaram destacadas escritoras como Angeles López de Ayala e Belén Sarraga. Depois de uma vida tão agitada e acidentada, Francisca ficou paralítica. Sua deficiência foi um pesadelo para ela, que morreu em 1933, com 82 anos de idade. Seu enterro foi marcado por inúmeras manifestações d@s companheir@s anarquistas de Barcelona.
Salud Borrás, uma de suas filhas, depois de toda uma vida dedicada as idéias libertárias, vivia os princípios da revolução em um modesto sitio na rua Robador.

*** Maria Bruguera**

A 06 de novembro de 1913, nasceu Maria em Jerez de los Caballeros, na província de Badajoz, Espanha, para onde sua família, originária de Pala-Fruguell (Gerona), havia se transferido para trabalhar na indústria da cortiça.
O pai, em contato com os grupos anarquistas estremenhos e andaluzes, participou do movimento libertário da região, sendo detido várias vezes. Nesse ambiente de militância e repressão cresceu Maria, que chegou a participar de um grupo de teatro formado por mulheres. Integrou-se às Juventudes Libertárias logo que estas se formaram em sua cidade.
Quando, em junho de 1936, ocorreu o levante franquista, Maria se encontrava com sua família em Badajóz. Retornaram tod@s a Jerez e, ante a terrível repressão desencadeada pelas tropas fascistas, tentaram passar por Portugal, tendo sido expulsos pela ditadura de Salazar. Durante algum tempo conseguem esconder-se na casa dos pais de seu companheiro, Francisco Torrado, onde Maria dá a luz a um menino.
No entanto, os franquistas rastreiam o país, assassinando a tod@s @s militantes sindicalistas e anarquistas que encontravam. @s refugiad@s decidem tentar de novo a

passagem para Portugal. Quando estão a ponto de atravessar a fronteira junto a numeroso grupo, são descobert@s pel@s fascistas, que matam quase tod@s, inclusive sua mãe. Durante oito anos Maria percorrerá a geografia penitenciária espanhola. Em condições terríveis, com uma saúde cada vez mais debilitada, conhecerá os cárceres de Badajoz, Salamanca, Santander e Madri.
Nesse tempo, é separada de seu filho, que é batizando a força, e fuzilam o pai, que se havia entregue voluntariamente às forças franquistas com a esperança de encontrar sua família. No fim dos anos 40, Maria sai da prisão, com a saúde debilitada, e muda-se para Madrid.
Em Madrid se une a Aureliano Lobo e ambos participam na reconstrução da CNT, durante o período clandestino dos anos 50. Em que pese o incrível esforço organizativo desenvolvido nestes anos, a repressão franquista consegue esmagar o renascer da organização sindical e encarcera centenas de libertári@s.
Nos últimos anos do franquismo, Maria teve que atender a seu companheiro enfermo, que faleceu em 1976. Pouco depois, se reintegra a CNT, passando a trabalhar na reconstrução do coletivo Mujeres Libertárias do qual Maria será o verdadeiro motor. Na década de 80, quando a cisão da CNT havia se consumado, Maria teve que lutar contra aquel@s que, a partir da obsessão controladora pretendiam menosprezar a independência e autonomia do grupo libertário feminino e a dela mesma. Na grande crise confederal, Maria, separada da CNT e ligada a central que depois, a contragosto seu, se chamaria CGT, viu diminuída sua esperança na luta pela continuidade do grupo Mujeres Libertárias.
Maria Bruguera morreu em 28 de dezembro de 1992.

* Áurea Quadrado

Áurea Quadrado, nascida com o século, emigrou muito jovem para Barcelona, onde passou a trabalhar no ramo têxtil. Aos 16 anos, participou do Sindicato Têxtil da CNT, e em 1918 realizava a comunicação com @s pres@s anarquistas.
Em 1925, com a "lei das fugas" do general Martinez Anido e a contratação de pistoleiros para assassinar dirigentes operári@s, Áurea, que na época estava grávida, teve de

atravessar sem passaporte a fronteira francesa.
Em 1936, com a Guerra Civil Espanhola, o hospital La Maternidad, então dirigido por freiras, é tomado, e Áurea Quadrado assume o posto de diretora. Mesmo com o aumento das crianças acolhidas, devido ao momento de guerra, Áurea consegue transformar radicalmente o funcionamento do Centro.
La Maternidad, renomeado como Louise Michel, era, segundo Emma Goldman, “o mais perfeito hospital que havia visto na Europa”.
Com o fim da guerra, Áurea teve de fugir, assim como outros milhões de espanhóis. Dirigiu a evacuação até Perpignan, dos meninos das guardas infantis e da Solidariedad Internacional Antifascista (SAI), por quatro longos dias através dos Pirineus, sob condições terríveis.
Recorda Domingos Roja que: "Ao sair de Figueiras com três caminhões carregados de meninos, os aviões começaram a metralhar nossos caminhões. Tod@s corremos e nos atiramos ao solo; só a companheira Áurea tratou de tranqüilizar os meninos, dizendo-lhes: Não se assustem, não acontecerá nada, se abaixem e cada um se encolha debaixo de um tronco. Todos ficamos envergonhados da valentia e integridade que teve sempre Áurea".
Após a evacuação, passou a ajudar @s refugiad@s, e sobretudo as crianças. Foi detida e torturada pela polícia francesa, que buscava o paradeiro de Domingos Roja (com quem morava), sendo enviada ao campo de concentração de Argeles-sur-mer.
Da França, embarcou com sua filha e outr@s refugiad@s até a República Dominicana, onde viveram em lamentável pobreza. Dali, com a ajuda de outr@s exilad@s, consegue ir para Cuba.
Em 1943, após trabalhar por pouco tempo como modista em Havana, foi para Nova York, onde trabalhou com dublagem de filmes espanhóis. Logo depois foi para o México, colaborando com grupos e publicações anarquistas, como o Tierra y Libertad.
Em 1953, Áurea adoeceu e, por fim, perdeu a memória. Seus familiares a levam à Espanha para que passasse seus últimos dias e, em 1969, Áurea Quadrado morre, sem recobrar a memória.

* Federica Montseny

Filha d@s anarquistas Joan Montseny (Federico Urales) e Teresa Mané (Soledad Gustavo), que fundaram a *Revista Blanca*, importante publicação ibérica, Federica Montseny nasce em 1905.

Atuou desde cedo na CNT, colaborando também com as atividades editoriais da família. Foi uma das organizadoras do grupo anarquista Mujeres Libres, e participou ativamente na Guerra Civil Espanhola, entre os anos de 1936-1939, quando os anarquistas se enfrentam com os comunistas na luta contra os fascistas.

Em 1936, passou a integrar o comitê regional da CNT e o comitê peninsular da FAI e, durante a Revolução, tornou-se ministra da saúde e assistência social no governo formado por Largo Caballero, aprovando a legalização do aborto. Luta pela emancipação feminina, questionando a moral conservadora da Espanha de sua época. Sua participação no governo teve apoio do movimento, mas, entretanto, foi alvo de muita polêmica.

Exilada na França após a derrota, foi presa diversas vezes e, durante todo o exílio, manteve uma intensa atividade, até 14 de janeiro de 1994, quando morre em Toulouse.

Compartilha com Emma Goldman o ideal de que a mulher deve começar a libertar-se através de um trabalho interior, aprendendo a respeitar-se e questionando-se, ao mesmo tempo, por não explicar como a sociedade não lhe oferece os meios para se atingir este objetivo.

*** Teresa Mañé (Soledad Gustavo)**

Esta destacada lutadora sofreu muitos processos, devido ao rigor das autoridades judiciais, mas nunca chegou a ser presa. Ela prosseguiu sem descanso sua luta, fazendo frente aos perigos da repressão governamental. No ano de 1902, começava uma nova campanha para salvar os presos que foram acusados em um processo chamado "Mano Negra", processo este forjado pela guarda civil e que acabou em fuzilamento de sete companheiros e numerosas condenações. À "Mano Negra" se imputou todos os roubos que aconteciam na cidade. Mas na realidade a origem da atividade daquela organização era outra. Em 1882, aconteceu em Sevilha o Congresso da Federação de Trabalhadores da região espanhola. Esta associação, de caráter anarquista, contava com uma força muito numerosa, possuía um total de 57.934 filiados. Por referencias históricas sabemos que assistiram a este congresso 400 delegações. Quando tinham conhecimento que uma família estava passando por dificuldades, seja por doença ou falta de trabalho, procuravam ajudá-las de todas as formas. Chegaram uma vez a apropriar-se de frutos que estavam em poder de grandes latifundiários. Soledad Gustavo, sabendo que aqueles homens não tinham jamais feitos atos de que eram acusados, se interessou por suas causas, e desafiando todo o perigo, se colocou ao lado deles. Fruto de sua tenacidade e temperamento de revolucionária anarquista, ela tentou liberar quinze companheiros dos vinte que haviam sido condenados à prisão perpetua. Ela lançou uma campanha na imprensa anarquista denunciando a situação em que se encontravam os companheiros. Em Barcelona, o ministro de justiça na época era Eduardo Dato, que por mediação do companheiro Fernando Tárrida, fez passar um comunicado que perguntava a Soledad Gustavo o que ela queria para terminar com a campanha. Ela contestou, e disse que o que queria era a liberdade dos anarquistas. O periódico El País, publicou uma nota em que textualmente dizia: "A professora Teresa Mañé (Soledad Gustavo) solicita a liberação dos presos da "Mano Negra".

Depois de muitos anos morando em Madrid, toda a família Montseny-Mañé, se mudou para Barcelona. Na cidade de Condad se estabeleceram em la Barriada de Horta com a

intenção de fundar uma academia de ensino. Mas a reação das pessoas em relação aos propósitos da família Urales-Gustavo não foi boa. Esta foi para tod@s uma etapa de dificuldades econômicas, trabalhos e penúrias múltiplas. Soledad Gustavo traduzia livros e como possuía uma boa caligrafia, fazia cópias para as companhias teatrais de Barcelona. Por volta do ano de 1920, volta a luta. Com um trabalho, sacrifícios e duras provas de vida, a granja Cerdanyola havia lhes dado benefícios, os quais lhe permitiu realizar um desejo antigo que era publicar novamente a "Revista Blanca" e em 1925, "La Novela Ideal", e mais tarde, " La Novela Libre". Não obstante, a companheira Soledad Gustavo continuava sem parar escrevendo com uma brilhante literatura, artigos periódicos, folhetos e trabalhando tenazmente na administração de suas publicações.
Em 1933 ampliou as edições com a publicação do semanário "El Luchador", no qual colocou a vanguarda das idéias ácratas e, apesar de sua idade avançada e de uma grave doença que ia minando sua saúde, ela não decaiu jamais em seu otimismo e seguiu escrevendo e trabalhando antes e durante a Revolução Espanhola. A derrota dos anarquistas na Revolução Espanhola e os sofrimentos que padeceu na ida para a França, acabaram com as energias físicas desta anarquista. Soledad Gustavo morreu em um hospital da cidade francesa de Perpignan, poucos dias após atravessar a fronteira França-Espanha dentro de uma ambulância em dezembro de 1938.

* Sílvia Ribeiro

Desde os 15 anos, Sílvia Ribeiro vive na Comunidad Del Sur, criada em 1955, Uruguai, onde se pratica uma experiência modelo de organização autogestionária.
Cerca de quarenta pessoas de idades variadas, entre mulheres e homens, vivem numa chácara próxima ao centro da cidade, algumas trabalhando na gráfica da editora Nordan-Comunidad. Ao lado del@s, Sílvia opta pela aposta na política radical, traduzida na construção da solidariedade desde as pequenas tarefas da vida cotidiana, do trabalho e do lazer, com muito amor.
Sílvia Ribeiro está envolvida com as lutas anarcofeminista e

ecológica.
Sílvia expôs em uma entrevista recente à professora e anarquista Margareth Rago, sua idéia de uma vida libertária em uma comunidade:
"A Comunidad sempre se viu como uma experiência social, se baseando em alguns princípios que estão escritos (...) Para dar-lhe uma idéia, há como que quatro princípios básicos: no político, nós nos definimos como socialistas libertários, no sentido de como concebemos uma estrutura política de participação na sociedade.
No plano econômico, dizemos que somos comunistas no sentido real da palavra, isto é, de cada um segundo sua capacidade, a cada um segundo suas possibilidades, e isso tem a ver com o fato de sermos contra a propriedade privada e a herança. Do ponto de vista social, elegemos uma forma social tipo comunitário, que é também uma crítica à sociedade, à família nuclear burguesa. (...)
A Comunidad del Sur não tem sentido se não transforma a sociedade global, assim temos que fazer algo, ela tem que ter um sentido projetivo, pode ser um modelo, ou inspiração possível... pensamos que em momentos de crise da sociedade, as pessoas levantam a cabeça e procuram, ao cair o socialismo autoritário (exemplos de Cuba e do Leste Europeu), perguntam: o que há, no lugar disto?".

* Sônia Oiticica

Nascida em 19 de dezembro de 1918, Sônia recebe do pai, o anarquista José Oiticica, uma enorme bagagem de idéias e práticas libertárias, além de um ambiente afetivo-cultural, que lhe permite um contato direto com o anarquismo. Em momentos difíceis, dirige o jornal Ação Direta, inicialmente publicado em 1945, que, aliás, registra a visita ao Brasil da anarquista italiana radicada no Uruguai, Luce Fabbri.
Representou inúmeras peças teatrais, inicialmente apresentadas nos teatros operários e, posteriormente, nos grandes teatros dos centros urbanos no Brasil.
Após uma vida de intensa ligação com a arte, faleceu recentemente, em 26 de fevereiro de 2007.

Alguns fatos marcantes na história da luta das mulheres anarquistas e operárias...

1895

Argentina.- Aparece em Buenos Aires o panfleto Propaganda Anarquista entre as mulheres, sob a assinatura de livre pensadora italiana *Ana María Mozón*, que aborda temas como o amor livre, a família, a exploração no trabalho fabril, as distintas formas de violência conjugal: golpes, maltrato psicológico. "Queremos liberá-las da cobiça do patrão que as explora, da espreita do pároco que as enche a cabeça de superstições, da autoridade do marido que as maltrata...". Foi reproduzido pelo periódico La Questione Sociale.

1896

Argentina.- Começa a circular o periódico La Voz de la Mujer (A Voz da Mulher - 1896-1897). Expressão da corrente comunista-anarquista, circula entre as trabalhadoras de Buenos Aires, La Plata e Rosário, principalmente. O primeiro número é recebido com hostilidade por alguns setores anarquistas masculinos, que denominaram algumas redatoras como *"feroces de lengua y pluma"*, por seus ataques dirigidos contra as atitudes pouco conseqüentes com o anarquismo a respeito da igualdade entre mulheres e homens.

1890

Uruguai. - A anarquista uruguaia *Virginia Bolten* encabeça a primeira marcha que se realiza em Rosário, Argentina, celebrando o 1 de maio. Leva uma bandeira vermelha com letras negras com a seguinte inscrição: *"Primero de Mayo. Fraternidad Universal. Los trabajadores de Rosario cumplimos las disposiciones del Comité Obrero Internacional de París"*. Foi a única mulher que pronunciou um discurso.

1901

Argentina.- Um número importante de sindicatos da Federação Operária Argentina (FORA) de orientação anarquista, apóia o lema "a trabalho igual, pagamento igual".

Uruguai. - Se criam Sociedades de Resistência de lavadeiras, passadeiras, fosforeiras e cigarreiras.

1902

Perú.- A revista anarquista La Idea Libre inicia a Sessão Feminista, onde entre outros artigos, reproduz textos das sufragistas estado-unidenses.

Argentina.- Se cria o grupo “Las Libertarias”, que apresenta “alternativas de resistência para as mulheres trabalhadoras”. *Virginia Bolten* inicia uma viagem de propaganda por distintas cidades da Argentina.

1903

Chile.- É criada a Federação Cosmopolita de Operárias em Resistência, de orientação anarquista. *Ángela Muñoz Arancibia* tem atuação destacada na criação deste espaço.

1905

Chile.- Em 10 de setembro circula em Valparaíso o primeiro número de La Alborada, “publicação quinzenal defensora das classes proletárias” (1905-1907), periódico operário de tendência anarquista, fundado e dirigido pela operária tipógrafa *Carmela Jeria*, com o propósito de “defender muito em particular as humilhadas trabalhadoras...”. Um ano depois, após uma interrupção devido ao terremoto que sofre Valparaíso, reaparece em Santiago sob a denominação de “publicação feminista”.

1906

Brasil.- Por iniciativa da ativista anarquista *Ernestina Lesina* se cria a Associação de Costureiras de Sacos. Lesina lança uma convocatória convidando as trabalhadoras a se unirem à luta para conseguir a redução da jornada de trabalho. Ernestina funda em São Paulo, o periódico Anima e Vita. Conferencista e oradora, abraçou a causa da emancipação feminina.

Em São Paulo, as operárias anarquistas, *Maria Lopes, Teresa Fabri y Teresa María Carini*, lançam um Manifesto dirigido às trabalhadoras. Publicado no periódico anarquista Terra Livre, as convoca a participar no movimento grevista desencadeado em São Paulo, e as incentiva a denunciar as péssimas condições de trabalho que têm de suportar, as jornadas excessivas de trabalho, e os salários miseráveis que recebem.

Chile.- A Associação de Costureiras de Santiago inicia a publicação do periódico La Palanca. Se abordam temas sobre o movimento operário e artigos específicos sobre a condição das mulheres e a “opressão masculina”.

Chile.- *Carmela Jeria* pronuncia um discurso ante 40 mil pessoas durante a celebração do 1 de Maio.

1910

Porto Rico.- *Luisa Capetillo* edita a revista Mujer.
O VI Congresso Operário da Federação Livre de Trabalhadores (FLT), de orientação anarquista, aprova a resolução de criar uma organização feminina dentro de suas fileiras.

Uruguai.- Dentro da Federação Operária Anarquista do Uruguai, se cria a Associação Feminina de Ofícios Vários.

1911

Perú.- Aparece o periódico anarquista La Protesta, onde escreve um grupo de mulheres que abordam temas relacionados com a condição feminina.

1913

Perú.- O sindicato de Cozinheiras se organiza para protestar por um decreto da Intendência, contrario a livre associação das trabalhadoras.

1915

Uruguai.- Aparece em Montevidéu La Batalla, "periódico de idéias e de críticas", sob a direção da lutadora anarquista *María Collazo*.

1916

Chile.- Em Iquique se cria o Centro Instrutivo de Livre-pensadoras "Luisa Michel".

México.- Se forma o Grupo de Mulheres Ácratas, pertencente a Casa do Operário Mundial, encabeçado pela costureira *Esther Torres*.

1918

México.- Em 16 de agosto é fundado o Centro Radical Feminino dentro da corrente anarcosindicalista da Casa do Operário Mundial. O Centro publica um periódico El Iconoclasta e diz ser uma publicação produzida por "esforçadas lutadoras, destinada a criar consciência da mulher escravizada pelo vampirismo romano" (em referência ao clero católico "que chupa o sangue das mulheres").

Peru. - Na cidade de Huacho se cria o Centro Feminino "Luz y Libertad" de inspiração anarquista, presidido por *Luzmila La Rosa*.

1921

Chile.- Nasce a Federação União Operária Feminina, apoiada pela Industrial Workers of the World (IWW), central sindical anarquista mundial.

1927
Bolívia.- Nasce a Federação Operária Feminina (FOF), ramo da Federação Operária Local (FOL) de tendência anarquista que agrupa em sua maioria empregadas de serviço doméstico, trabalhadoras do mercado e cozinheiras. Decidem manter uma linha autônoma em relação às organizações masculinas. Além de levantar uma plataforma de reivindicações trabalhistas, demandam o divórcio absoluto, a criação de proteções e a igualdade ante a lei de todos os filh@s.

1936
Bolívia.- É criado o sindicato da União Feminina de Floristas. *Petronila Infantes*, anarquista, funda a União Sindical de Culinárias, para exigir um horário de trabalho. O Congresso Operário, reunido em La Paz, aprova exigir "a universalização do descanso dominical", a jornada de 8 horas, a incorporação das trabalhadoras domésticas na legislação social e a substituição da palavra "doméstica" pela de empregada de trabalhos de casa.

1937
Bolívia.- Com as seguintes palavras: "A minhas companheiras proletárias", *Petronila Infantes*, anarquista, inicia seu discurso durante uma manifestação da FOL, para se referir à exploração que sofrem as mulheres que recebem salários inferiores ao dos homens. "As mulheres carregam a corrente mais pesada, mais negra e mais difamadora...O remédio é a rebelião...".

1947
Chile.- Em plena ditadura de Gabriel González Videla, nasce em Iquique o Ateneu Libertário "Luisa Michel", para "atender às necessidades das trabalhadoras tecedoras de redes", sob a condução de *Flora Sanhueza*, uma das figuras mais destacadas do anarquismo e desaparecida em 1973, durante a ditadura de Augusto Pinochet.

* Bibliografia

Revista Libertárias no. 1 – Outubro/Novembro – 1997 - Editora Imaginário, Brasil;
Revista Utopia no. 6 – 1997 – Portugal;
Revista Utopia no. 9 – 1999 – Portugal;
Revista Letra Livre no.30 – 2001 – Editora Achiamé, Brasil;
Revista Opción Libertária nos. 30 e 31, 1999, Montevidéu, Uruguai;
Revista anarquista ORTO – número 27 – setembro/outubro 1984 Barcelona/Espanha
Revista anarquista ORTO – número 32 – Julho/ Agosto 1985 Barcelona/ Espanha
Libera... Amore Mio no. 44, janeiro de 1995 – Rio de Janeiro/RJ, Informativo do CELIP/RJ;
Libera... Amore Mio no.56, janeiro de 1996 – Rio de Janeiro/RJ;
Libera... Amore Mio no.82, 1998 – Rio de Janeiro/RJ;
Boletim Memorialibertaria.org – 8 de março de 2007, CGT;
Zine Libertárias no. 3 – Santos/SP – editado por Liana e Elaine;
Zine Libertação Feminina no.1 – 1995, São Paulo/SP;
Zine Auto-Libertação no.1 – Novembro de 2002 – São Paulo/SP – Editado por Talita;
La Historia de La Lucha de Mujeres Anarquistas
Silva Parra, Lucia – Combates Pela Liberdade: O Movimento Anarquista Sob a Vigilância do DEOPS/SP (1924-1945), Módulo VII – Anarquistas, 2003 – Arquivo do Estado/Imprensa Oficial do Estado;
Souza Lobo, Elizabeth - Emma Goldman – Coleção Encontro Radical,1983. Editora Brasiliense.
Rodrigues, Edgar – Os libertários – Idéias e Experiências Anárquicas, 1988. Editora Vozes.
Rodrigues, Edgar – O Ressurgir do Anarquismo (1962-1980), Editora Achiamé.
Rodrigues, Edgar – Os Companheiros vol. 4
Arnoni Prado, Antônio – Libertários no Brasil – Memórias, Lutas, Cultura, 1987. 2ª. Edição, Editora Brasiliense.
Muraro, Rose Marie – A mulher no terceiro milênio, 1993. 3ª. Edição, Editora Rosa dos Tempos.
Silva, Jorge E. – As Origens Trágicas e Esquecidas do Primeiro de Maio.
www.ceca.org.br - Pensadores Anarquistas – Militantes Libertários, Arquivo de História Social Edgar Rodrigues.

www.sitinn.hpg.ig.com.br

* O que é anarco feminismo? *

Anarcofeminismo é o movimento de luta pela libertação da mulher com atuação anarquista: acredita que a emancipação da mulher está intimamente ligada a destruição do Estado, das classes e da sociedade burguesa. Compreende que só conseguiremos a igualdade, lutando pela emancipação conjunta; indo contra quaisquer princípios e atitudes autoritárias e discriminatórias (seja o capitalismo, governo representativo, trabalho patronal, machismo, sexismo, racismo, nazismo, fascismo e todas as outras formas de exclusão que exercem poder de dominação sobre outra pessoa).

Anarcofeministas não possuem líderes ou representantes, sendo sua organização autônoma, independente e espontânea, abominando-se as práticas autoritárias e os valores burgueses (exploração, competitividade, etc.). Não buscam mudanças através das instituições estatais, aprovação de leis, pelo voto ou com a entrada da mulher no poder. Ao contrário, acreditam na prática da ação direta. O anarcofeminismo não visa competição entre homens e mulheres, pois entende que os homens também são explorados pelo capitalismo e pelo Estado e que a culpa do machismo e violência contra as mulheres (sexual, psicológica, física, pobreza, falta de escolaridade, etc.) provêm destes dois elementos.

O anarcofeminismo propõe uma sociedade anarquista, em que homens e mulheres sejam vistos como seres humanos íntegros e completos e onde as mulheres, por serem, sem sombra de dúvidas, discriminadas, possam ser respeitadas e vivam livremente suas vidas, tendo autonomia sobre ela e seus corpos. Para que haja uma igualdade de fato, é preciso abolir as relações de superioridade que há entre os sexos. O processo de libertação da mulher tem que atuar junto com a luta contra as hierarquias.